



CRÔNICA

J. RIGOLÃO
jose@rigolon.com.br

2015, A BATALHA: CARNAVAL x INADIMPLÊNCIA

Nossa tradição de há muito aceita, prova e garante que o Brasil só começa a funcionar depois do carnaval. Pode-se dizer que poucos discordam dessa afirmação. Porém, os mais atentos dizem que isso não deverá acontecer neste ano. Pessoalmente eu discor- do, acho que carnaval é carna- val e, certamente, lá vamos nós pra folia. Ninguém resiste, mas provavelmente vamos levar no fundo da nossa alma aquela famosa voz interior, sussuran- do: e depois? Pela frente, a expectativa que temos é de suor e lágrimas para atravessar esse “deserto” chamado 2015!

O exemplo do ano de 2014, com seu miserável PIB de 0,3%, gerou sérios cuidados para esse início de 2015, que carrega nas costas, na opinião da maioria dos economistas, o fantasma de uma recessão. Além disso, temos que admitir que a estrada que nos levará até 2016 está pessimamente cuidada, tem muitas curvas e perigos. E para piorar, também carrega uma persistente “neblina de inflação”, que queira- mos ou não, nos assusta. Nos- so povo já tinha perdido o medo dessa neblina. Mas na atual

conjuntura, nota-se que a infla- ção é uma das mais nefastas doenças de uma economia, que não se cura ou evita só com promessas e palavras. Exige firmeza, atitude e ação.

Impressiona-me a nossa república democrática, com esse tal de governo de coali- zão, carregar nas costas 39 mi- nistérios. Provavelmente é uma tentativa de ser campeão mun- dial. E além dos ministérios, também carrega cerca de trinta partidos políticos. Muitos se transformam em mercadoria com facilidade. Haja dinheiro, gente! É bom lembrar ainda que todo o dinheiro do tesouro nacional pertence a nós, o povo, e cabe ao governo apenas administrá-lo. E bem, por favor!

Pelo andar da carruagem pode-se dizer que no dicionário desse governo, faltam pelo me- nos três importantes palavras: planejamento, eficiência e au- steridade. Assim fica difícil! Mas baseado na crença do povo, de que a esperança nunca morre, vamos esperar que o nosso Poder Legislativo Federal, empossado com muitos novos membros, seja livre, visando sempre os interesses brasilei- ros e não os dos partidos...

HORA DE AJUSTAR AS CONTAS

* Marcos Cintra

O bê-a-bá da economia diz que ninguém pode permane- cer indefinidamente gastando mais do que recebe. O conceito de restrição orçamentária vale tanto para uma grande firma como para uma microempresa. Esse princípio não é diferente para uma família, seja ela rica ou pobre. A ideia básica em qualquer situação é sempre acomodar o conjunto de des- pesas às receitas, procurando gerar alguma sobra que vai compor uma reserva, poupan- ça, para saldar imprevistos fi- nanceiros, cobrir descasa- mentos temporários entre en- tradas e saídas de recursos ou reduzir endividamento.

A situação descrita é ele- mentar para a saúde financeira de qualquer agente, seja uma empresa ou uma família. A boa gestão implica em geração de saldos orçamentários que pos- sam manter a lucratividade de uma empresa ou a qualidade de vida de uma família, com endividamento sob controle. Por sua vez, a negligência no trato com o dinheiro é caminho certo rumo à deterioração do patrimônio empresarial e à fa- lência. Para uma família, não é diferente. Seus ativos certame- nte irão evaporar e suas necessidades essenciais fica- rão comprometidas.

Para o governo, a boa ges- tão financeira também é uma necessidade fundamental. Sua eficácia se traduz na efici- ência dos serviços públicos, no controle do endividamento e na credibilidade do poder público. Isso sem falar que o Estado pode exercer melhor sua função como promotor da estabilidade macroeconô- mica. Cumpre lembrar que em todas as situações, seja para uma empresa, família ou go- verno, uma regra determinante para o sucesso da gestão fi- nanceira refere-se à sua trans- parência e seriedade. Regras claras, que não se alteram de modo casuísta, são requeri- mentos essenciais para dar credibilidade à gestão finan- ceira.

No âmbito governamental brasileiro, a situação financeira é passível de observações que incomodam. O governo não se preocupou em acomodar des- pesas à receita e agora vai ele- var a carga de impostos para cobrir o orçamento fragilizado. Outro aspecto é que a má gestão da economia nos últimos anos acabou com os saldos orçamen- tários que serviam para contro- lar o endividamento, que está crescendo. Além disso, o gover- no não é capaz de poupar e aca- ba consumindo a poupança do setor privado para cobrir seus rombos, o que reduz os investi- mentos. Como se não bastas- se, há ainda a questão da lisura na condução da política fiscal. Desde 2008, o regime de supe- rávít primário vem perdendo credibilidade por conta da pos- sibilidade de abatimento de gas- tos que servem para mostrar números que ninguém acredita. A título de exemplo, o Tribunal de Contas da União diz que o supe- rávít de R\$ 77,1 bilhões em 2013 é na verdade um déficit de R\$ 43,3 bilhões quando não se con- sidera receitas que o governo inventou para tentar mostrar que a situação orçamentária não era tão ruim como diziam os analis- tas.

O cerne da atual debilidade econômica brasileira está na vi- olação das regras básicas da boa gestão financeira. A má con- dução fiscal comprometeu os serviços básicos, elevou a divi- da pública e gerou insegurança para as empresas. É um ele- mento que limita a atuação do Estado como agente propulsor do crescimento econômico. Aju- star a situação orçamentária aos princípios financeiros básicos será o grande desafio para o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, nos próximos anos. O tra- balho já começou e exigirá me- didas duras que vão penalizar a classe média brasileira.

* Marcos Cintra é doutor em Economia pela Universidade de Harvard (EUA) e professor titular de Economia na FGV (Fundação Getúlio Vargas). Foi deputado federal (1999-2003) e autor do projeto do Imposto Único.



DESTAQUES ECONÔMICOS

Antônio José Martins
e-mail: martins_32@terra.com.br

GOVERNO PEDE PARA POUPAR ÁGUA E LUZ – Si- tuação é considerada “criti- ca”, para não dizer calamito- sa, nos reservatórios dos Estados de São Paulo, Mi- nas e Rio de Janeiro.

PARA EVITAR RACIO- NAMENTO DE LUZ – Repre- sas têm de dobrar o volume dos reservatórios do Sudeste e Centro-Oeste até abril pró- ximo. Nosso comentário: Não será pedir demais para os céus derramem abundan- tes chuvas?

PLANO DE RODÍZIO PROPOSTO PELA SABESP HÁ UM ANO – Prevía dois dias com água e um sem. Agora o risco é de cinco dias sem água e dois com. Nosso comentário: Culpa do gover- nador Alckmin, que, com medo de perder a eleição, não atendeu a sugestão.

PETROBRÁS – 1) De maior empresa brasileira, hoje é a quinta e corre iminente risco de cair mais, caso ur- gentes providências não se- jam tomadas; 2) Empresa perdeu bilhões de reais em valor de mercado, prejudican- do acionistas brasileiros (lem- bram-se do Fundo de Ações da Petrobrás, que garantiria a aposentadoria do trabalha- dor?) e estando sujeita a pro- cessos por parte dos investi- dores estrangeiros; 3) De acordo com declarações de sua presidente, a exploração de petróleo cairá ao mínimo, haverá cortes de investimen- tos e desaceleração de proje- tos, para evitar aumento de dívidas. Nosso comentário: O que está faltando para a sub- stituição de toda a diretoria? Nada!

POLÍCIA DO RIO – Mata 582 no ano, 39,9% mais que em 2013. Nosso comentário: Barbaridade!

SEGURO DESEMPREGO – Mudança reduz acesso a seguro em 26%.

JÁ VÍ ESTE FILME AN- TES – Com o desapareci- mento do Grupo Matarazzo e com o esfacelamento do gru- po do Eike Batista...

O FRIGORÍFICO QUE VIROU HOLDING – O Frigo- rífico JBS, criado em 1953, deu origem a holding J&F, comprou fabricantes de pro- dutos de limpeza, criou o Banco Original, é dona do laticínio Vigor, da Eldorado Celulose e da Oklahoma e Floresta Agropecuária, com criação e venda de gado no Brasil, EUA e Austrália. Ago- ra pretende entrar firme no ramo de cosméticos. Nosso comentário: Muito cuidado, ninguém consegue ser tão bom nas mais diferentes ati- vidades...

AJUSTES NA ECONO- MIA – Abono salarial: antes, bastava trabalhar trinta dias no ano e receber até dois salários mínimos, para ter direito a um salário. Agora, é necessário trabalhar seis meses e o pagamento será proporcional.

IMPULSO AOS INVES- TIMENTOS – Retomada de bens: para facilitar a retoma- da de bens móveis, como veículos, tratores e motoci- cletas, o financiado poderá autorizar, no contrato, a re- cuperação imediata do bem no caso de calote.

REGIME ALIMENTAR – “Emagrecer é para quem tem vontade. Se você não tem vontade, nem energia, fique gordo” – De Máximo Ravenna, médico argentino responsá- vel pela dieta da presidente Dilma Rousseff, que virou fe- bre entre parlamentares e mi- nistros em Brasília.

Por hoje é só, tenham todos uma ótima semana.

A CULPA É SUA

Nina Leoni

Somente os mestres de obras, os pedreiros, e ajudan- tes de obras estão felizes. Sempre sorridentes, cantaro- lando músicas e rindo de tudo e de todos. Quando passei pela rua, até tentei gravar na memória um pedaço da músi- ca que estavam cantando cheios de vivacidade. O refrão dizia: “a culpa é sua”. Pesquisei e existem milha- res de músicas com este títu- lo e temática.

De modo que não conhe- cia Guilherme e Santiago, a melodia mais alegre, com o acompanhamento de uma ins- pirada sanfona. Deveser essa. E nunca tinha ouvido músi- cas de Bruno e Marrone tampouco. Não costume ou- vir música sertaneja. A gente cantava “Luar do Sertão” e certos clássicos nos corais. Meu pai não criticava, nem elogiava, mas gostava é de MPB. Nossos discos *bolachões* de vinil que ele comprava com um entusias- mo de adolescente.

Pela alegria dos rapazes tentei saber o que ouvem, e então confesso ao leitor o meu desconhecimento. A culpa também é minha, não descobri qual era a canção. A alegria genuína do povo bra- sileiro é tão inspiradora! Então estou ouvindo com mais aten- ção o que toca a sensibili- da- de de quem está feliz.

Como descrever a felici- dade? Certa manhã, vi uns pedreiros brincando, rindo e fazendo sátiras com a figura de uma namorada que en- feitava a janela de uma loja. Namadeiras são aquelas esculturas populares feitas de argila. De longe avistamos um dorso feminino. De perto, so- mos colhidos de surpresa pelo gracioso artesanato brasilei- ro. Enquanto trabalhavam, faziam piadas sobre aquela paquera impossível entre eles e a moça com vestido verme- lho de bolinhas brancas. Cena muito linda. Obrigá a gente

repensar porque a pretensa elite aprisiona a alma brasilei- ra em um eterno complexo de inferioridade.

E essas gentilezas, pia- das, afagos, distrações e bom humor ajudam a gente a viver. Recentemente li que transfor- maram Trancoso em um lugar pedantíssimo. A beleza, a au- tenticidade, a simplicidade, cederam lugar a um festival de exibicionismo sem fim. Todo o aspecto natural do lugarejo recebeu um banho de luxo, superficialidade e afetação. Tornar o que era feliz e autên- tico em algo antipático parece ser a nova sina.

E por falar em antipatia, para a minha mãe, por exem- plo, tudo é culpa da Dilma. Caso de antipatia profunda pela presidente. Hoje em dia só tem amigos quem acha que a Dilma é culpada de tudo. Quando ela me vê triste, já coloca tudo na conta da Dilma só para me ver dar risa- da. É um raciocínio simplista que me diverte! Se fosse as- sim, fácil assim, também aju- daria a culpá-la de tudo. Sa- bem de uma coisa? Não gos- taria de estar no lugar dela nem por um milionésimo de segundo! Política é um jogo sujo, sujíssimo.

E que tal a cara dos novos congressistas eleitos com o dinheiro de grandes empresá- rios e afins? Foto sinistra. Saiu quem é quem nos jo- nais, mas não anotei a lista de quem pagou as campai- nhas milionárias daqueles “no- vos representantes do povo”. Acho triste isso. Esse “novo congresso” não nos represen- ta de modo mais acintoso ainda! Notem o poder do di- nheiro, do mercado e etc.. E o Temer falou que vai governar o Brasil, então...

Como disse Saramago, “os órgãos democráticos são governados por poderes não democráticos, o poder do di- nheiro”. Bela síntese de um grande escritor.

TROVAS

J. R. do Amaral Lincoln

Nossas leis serão desfeitas, mesmo nobres os fins seus, mas ficam as que são feitas debaixo das leis de Deus.

Maduramos com a idade?
Dizer que sim é tolice:
a velhice, na verdade,
só acumula rabugice.

Teus seios, minha querida,
que me queimam de desejos,
foram feitos na medida
para eu cobri-los de beijos.

PORANDUBAS

Gaudêncio Torquato

PMDB insatisfeito

O fato é que o PMDB, mesmo contemplado com seis pastas na Esplanada dos Ministérios, está inquieto e muito insatisfeito. Nesses anos do lulopetismo, sempre ficou meio de lado a contem- plar o mando petista na má- quina. O PMDB é o partido mais capilar do Brasil, tendo o maior número de deputa- dos estaduais, vereadores, senadores e prefeitos. Por- tanto, tem também enorme força nas bases políticas. Ademais, o ciclo do lulopetismo se aproxima do seu final. E o partido começa a se preparar para o amanhã. O vice-presidente da Repúbli- ca e presidente do PMDB, Michel Temer, tem agido como algodão entre cristais. Mas tem o compromisso de conduzir seu partido para a avenida larga das eleições de 2016 e 2018. Andando com as próprias pernas e se afa- stando do PT.

Oposições sem rumo

As oposições ainda não encontraram um rumo. Estão tateando no escuro. Faltalhes discurso denso. Por exemplo: Aécio Neves, o ex- candidato à presidente da República, está vendo Joa- quim Levy ler pela cartilha ortodoxa que os tucanos de- fendiam na campanha, sob orientação de Arminio Fraga, o experiente economista que já dirigiu o BC. Até se recorda que Levy colaborou com o tucanato. Pois bem, Aécio deveria dizer que Dilma ras- gou o discurso da campana petista e passou a ler a cartilha tucana. Ouseja, cum- pre a agenda dos tucanos. Muito bem, nossos aplausos, deveria dizer. Faz o contrário: desanca Joaquim Levy e o governo. Uma burrice.

Ministério sem estrelas

Até dizem que Aloísio Mercadante age como primei- ro ministro. Ele pode até que- rer vestir esse manto. Mas esse ministério é uma moldu- ra sem estrelas. Quem seria capaz de nomear 10 minis- tros dos 39 que compõem a Esplanada? Esse fato eleva- rá a visibilidade da presiden- te, que se mostra cada vez mais centralizadora.

PT em baixo astral

Há momentos de alta e baixa na vida de um partido. Este é um ciclo de baixa para o PT. Mas um ciclo que está demorando muito. Desde o mensalão, o PT desce o des- penhadeiro da imagem. O petróleo corroeu mais ainda os cascos de seus navios. PT é o partido mais identifica- do nas pesquisas com o es- copo da corrupção. Por isso, o 5º Congresso do PT, cuja primeira fase será nos próxi- mos dias, em MG, deverá debater os rumos da sigla. Na segunda fase, em Salva- dor, no final do semestre, o PT apontará suas estratégi- as de sobrevivência.

Reforma política

A seccional paulista da OAB abre o primeiro grande evento do ano: um seminário sobre reforma política. Sob a direção do presidente Mar- cos da Costa, especialistas

e cientistas políticos debate- rão as diversas questões que integram o escopo da refor- ma política, como sistema eleitoral, as coligações pro- porcionais, a cláusula de barreira, o financiamento pú- blico de campanha, o estatuto da fidelidade partidária, as campanhas eleitorais, a figu- ra do senador suplente, a concentração das eleições em um único ano eleitoral, o estatuto da reeleição, entre outras abordagens. Este con- sultor estará na mesa das exposições.

Quem tudo quer...

Gilberto Kassab é consi- derado um hábil articulador. Montou o PSD, um grande partido, e agora está cons- truindo outro, o PL, que seria resgatado. O PL, na época do embaixador Álvaro Valle, era o ícone da direita e se apresentava nos programas de TV com a música “a fuga dos escravos hebreus”, que encantava os ouvidos. O ca- rioca Valle morreu e o partido virou outro. Kassab quer remontá-lo e, depois de edificado, fundi-lo com seu PSD, formando a maior ban- cada da Câmara Federal. Dará certo? Este consultor acredita que ele terá proble- mas com o TSE e a oposição de outros grandes entes par- tidários.

Dilma, responsável? Alckmin, também

Interessante anotar que a falta d’água, associada à ame- aça de apagões de energia, leva o pacote de questões para o Palácio do Planalto e a Esplanada dos Ministé- rios. Ressalta-se a falta de planejamento na área energética. Mas a questão dos reservatórios secos em SP cai mais no colo de Ge- raldo Alckmin e nas torneiras de São Pedro do que no colo da presidente Dilma. As obras de captação e interligação de sistemas, em SP, deveri- am ter sido iniciadas há anos. Só recentemente foram inici- adas. Perguntaram, durante a campanha, ao então secre- tário de Recursos Hídricos, Mauro Arce, também cha- mado de “general da água”, qual seria o plano B para a falta d’água em SP e ele respondeu na lata: “não há plano B. Vai chover”. O porta- voz do céu errou feio.

Dedo na ferida

O presidente da Clia/ Abremar, Marco Ferraz, põe o dedo na ferida: a infraestrutura portuária no Brasil é precária. Os tribu- tos, por sua vez, são muito altos. É o que aponta em nota na *Folha de S. Paulo*. O ambiente de recessão, ou de retração como prefere dizer o ministro Joaquim Levy, ex- põe ainda mais os graves problemas vivenciados por uma batelada de setores pro- dutivos. Daí a atual tempora- da dos cruzeiros marítimos no Brasil comportar um nú- mero menor de navios que as anteriores. Se o país não cuidar de sua bocarra tributá- ria e não arrumar uma estru- tura bem equipada de portos, estará navegando à deriva nos próximos tempos.



JORNAL integração

EXPEDIENTE

Integração - o Jomal do Povo Ltda. - Rua São Bento, 785 - Tatuí/SP - CNPJ: 45.941.838/0001-18

DIRETOR RESPONSÁVEL:
José Reiner Fernandes (Reg. no MTB. Nº 12095)

DIRETOR PROPRIETÁRIO
Renê José Rodrigues Fernandes

REDATORA:
Aideé Maria Rodrigues Fernandes (Reg. no MTB. Nº 16035)

ESPORTES:
Rogério Lisboa (Reg. no MTB. Nº 24727)

FUNDADORES em 24/12/1975:
José Reiner Fernandes, Francisco José Lang Fernandes de Oliveira, Roberto Antonio Carlessi, Ivan Gonçalves e Acassil José de Oliveira Camargo

Propriedade da Empresa Jornalística Integração - o Jornal do Povo Ltda.
Rua São Bento, 785- Tatuí/SP - CEP: 18270-820
Tiragem: 3.500 exemplares
e-mail: integracao@aseta.com.br
Impresso: A Tribuna de Piracicaba - Rua Luiz Gama, 144 - Piracicaba/SP